

Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar, Ciudad de México, México.
ISSN 2707-2207 / ISSN 2707-2215 (en línea), marzo-abril 2026,
Volumen 10, Número 2.

https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v10i2

**COMPORTAMENTO DISRUPTIVO NO
SEGUNDO ANO DO ENSINO SECUNDÁRIO
OBRIGATÓRIO: PERCEÇÃO DOS
PROFESSORES E ANÁLISE DA DINÂMICA DA
SALA DE AULA**

**DISRUPTIVE BEHAVIOR IN THE SECOND YEAR OF
COMPULSORY SECONDARY EDUCATION: TEACHERS'
PERCEPTIONS AND ANALYSIS OF CLASSROOM DYNAMICS**

Alba Mollá Agulló
Universidad Cardenal Herrera-CEU

Gabriela María Salazar
TEC de Monterrey

Mónica Belda-Torrijos
Universidad Cardenal HerreraCEU

DOI: https://doi.org/10.37811/cl_rcm.v10i2.23575

Comportamento disruptivo no segundo ano do ensino secundário obrigatório: percepção dos professores e análise da dinâmica da sala de aula

Alba Mollá Agulló¹alba.mollaagullo@alumnos.uchceu.es<https://orcid.org/0000-0003-4207-3999>

Universidad Cardenal Herrera-CEU

CEU Universities

Gabriela María Salazarsalazar.gabriela@tec.mx<https://orcid.org/0009-0003-9165-8026>

TEC de Monterrey

México

Mónica Belda-Torrijosmonica.belda@uchceu.es<https://orcid.org/0000-0001-8210-6834>

Universidad Cardenal HerreraCEU

CEU Universities

RESUMO

O comportamento disruptivo no 2º ESO tem aumentado nos últimos anos e, como aprendemos ao longo de nossa pesquisa, a figura do professor perdeu a autoridade, e o desrespeito e a passividade em sala de aula deixaram de ser invisíveis há alguns anos para se tornarem a realidade de hoje. O objetivo deste estudo é responder à questão de saber se devemos tomar medidas excepcionais na educação de adolescentes ou se, pelo contrário, devemos parar de atribuir a eles os problemas que surgem no ensino. Para isso, estabelecemos dois objetivos: analisar o comportamento dos alunos do 2º ESO e analisar a perspectiva dos professores sobre o comportamento em sala de aula, e fizemos isso por meio de um questionário digital enviado a professores do Ensino Médio em diferentes partes da Espanha.

Palavras-chave: comportamento perturbador; conduta; adolescência; valores; ensino médio

¹ Autor principal

Correspondencia: alba.mollaagullo@alumnos.uchceu.es

Disruptive behavior in the second year of compulsory secondary education: teachers' perceptions and analysis of classroom dynamics

ABSTRACT

Disruptive behaviour in 2nd. ESO has increased in recent years, and, as we have learned throughout our research, the figure of the teacher has lost authority, and disrespect and passivity in class have gone from being invisible a few years ago to becoming today's reality. The aim of this study is to answer the question of whether we should take exceptional measures in the education of adolescents or whether, on the contrary, we should stop attributing the problems that arise in teaching to them. To this end, we have established two objectives: to analyse the behaviour of 2nd ESO students and to analyse the teachers' perspective on classroom behaviour, and we have done so by means of a digital questionnaire sent to Secondary Education teachers in different parts of Spain.

Keywords: disruptive behaviour; conduct; adolescence; values; secondary education

Artículo recibido 26 febrero 2026

Aceptado para publicación: 26 marzo 2026



INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, foram detectadas dificuldades em gerenciar e garantir o bom comportamento dos alunos do ESO. De modo geral, é notável a falta de interesse, autonomia e autoconfiança dos alunos adolescentes. Essa situação tem repercussões e representa uma barreira significativa quando se trata de ensinar matérias e seguir o programa estipulado para que eles adquiram o conhecimento necessário para a vida e para a educação futura. O último Estudo Internacional de Ensino e Aprendizagem publicado em junho de 2019 (TALIS 2018), promovido pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Ele confirma que há uma preocupação crescente na comunidade educacional sobre a grande porcentagem do tempo de aula gasto apenas para manter a ordem. Os professores de escolas secundárias espanholas e francesas gastam 18% de seu tempo com isso, um número maior do que em outros países europeus, como Inglaterra (12%), Bélgica (14%) ou Suécia (15%).

Para alguns autores, os comportamentos disruptivos de alunos não agressivos que ocorrem em sala de aula têm o objetivo de chamar a atenção (Álvarez et al., 2016; Álvarez- García et al., 2015; Gómez e Cuña, 2017; Gordillo et al., 2014; Peralta et al., 2003 e Uruñuela, 2019), embora, de acordo com outro estudo, também se devam à desmotivação escolar, à incapacidade de autocontrole e à desobediência (Saco-Lorenzo et al., 2022). Esses dois motivos representam um problema na sala de aula, pois os alunos que não querem trabalhar não só atrapalham o trabalho do professor, mas também o dos outros alunos. Em vista dessa situação, Orts (2001:13) considera que ensinar diante de crianças silenciosas que anseiam por conhecimento é uma utopia:

Qualquer professor gostaria de ter um grupo de alunos ansiosos para aprender e bem-comportados, mas esse é um sonho que alguns confundem com a realidade, acreditando que "alguma varinha mágica" vai dispor os alunos para que eles possam ensinar confortavelmente "sua classe".

É verdade que nós, como adultos, amadurecemos e, talvez, esse comportamento perturbador que percebemos ao entrar no mundo do ensino esteja distorcido pela nossa realidade da puberdade, o que nos leva a pensar se os adolescentes de hoje se comportam da mesma forma que nós naquela época. A maioria de nós, alunos, já foi repreendida em algumas ocasiões por não ficar quieta em sala de aula ou por estar pensando em outros assuntos que não têm nada a ver com a matéria em questão.



E isso se deve ao fato de que, na fase da adolescência, ir à escola nos parece uma mera obrigação que está muito distante do que realmente queremos fazer. Isso é confirmado por Orts (2001:11), que menciona os principais motivos pelos quais os alunos têm uma atitude negativa em sala de aula:

Obrigatório, o que provoca reações contrárias.

- A falta de uma cultura de esforço.
- Falta de expectativa de sucesso.
- A percepção subjetiva da falta de capacidade.
- Falta de força de vontade e perseverança.
- Falta de hábitos de trabalho.
- Problemas pessoais e/ou familiares.
- O lugar secundário que os estudos ocupam em sua escala de valores.

Presentismo (a necessidade de querer tudo aqui e agora, com o consequente desinteresse por planos de longo prazo, e os estudos são um deles).

- A competição de estímulos alternativos (que são mais divertidos, que proporcionam maior satisfação, que exigem menos esforço...).

Lacunas cognitivas (eles estão longe de ter uma chance de sucesso) esocioemocionais (eles estão longe de ter a intenção de tentar).

Se olharmos para trás e analisarmos o que dizem outros estudos, nos últimos anos passamos por mudanças sociais, culturais, econômicas, ambientais e tecnológicas que tiveram um impacto significativo na vida das pessoas e que, obviamente, vemos refletidas nas instituições educacionais por meio do comportamento dos adolescentes (Álvarez et al., 2016; Ander-Egg, 2005; Bolea e Gallardo, 2012; De la Fuente, 2012; De Souza, 2009; Poyato, 2018).

Mas, de todos os novos modelos aos quais estamos nos acostumando na sociedade atual, um dos aspectos que mais preocupa a Comunidade Educacional é o uso crescente da tecnologia com acesso rápido à Internet. Os adolescentes de hoje estão mais conectados do que nunca por meio de dispositivos digitais e redes sociais, e isso mudou a maneira como eles interagem uns com os outros e com o mundo ao seu redor. Foi demonstrado que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) tiveram um impacto



profundo em nossa sociedade e, especialmente, nos adolescentes, interferindo em seu desenvolvimento psicossocial, tanto nos processos de socialização quanto nos de aquisição de sua própria identidade (Castellana et al., 2007). Entre outros fatores, essas ferramentas são projetadas de forma a afetar e alterar a vontade de controle (Saldaña, 2001).

Outra das mudanças fundamentais que vemos refletidas na sociedade atual são as conquistas do movimento feminista com a introdução total das mulheres no mercado de trabalho, juntamente com a transição demográfica com uma taxa de natalidade em declínio e uma população cada vez mais envelhecida (Klein, 2010). Essa diminuição da fertilidade e o aumento da expectativa de vida resultam em uma relação mais próxima entre os avós e seus poucos netos, já que os mais velhos têm mais tempo e competem pelo prazer dos mais jovens (Uhlenberg, 2005). Além disso, essas mudanças sociais, econômicas e culturais significam que, nos casos em que ocorre o divórcio, as dificuldades econômicas ou emocionais levam as figuras parentais a voltarem para a casa dos pais ou sogros, fazendo com que os avós não só deem apoio aos filhos, mas também aos seus descendentes (Castells, 2006). De fato, muitas vezes são os mais velhos que atuam como "líderes" da família (Wainerman, 1996). Às vezes, os avós até atuam como pais substitutos (Neugarten e Weinstein, 1964).

Como podemos ver, os avós estão desempenhando cada vez mais um papel fundamental nas famílias Bengtson (2001), de modo que o papel dos idosos está se tornando menos passivo, ou seja, as pessoas que precisam de cuidados e atenção estão se tornando um membro ativo da família para a qual contribuem com sua atenção e cuidado (Feres- Carneiro, 2005). Como consequência de todas essas mudanças nas estruturas familiares, o número de adolescentes que estão sendo criados pelos avós está aumentando (Ehrle e Day, 1994).

Também é importante mencionar como um bloco substancial no modelo atual de adolescência o aumento da diversidade sexual e da identidade de gênero: os adolescentes de hoje se sentem mais livres para expressar sua orientação sexual e seu gênero, e estão mais informados sobre a diversidade de sua orientação sexual e de seu gênero. De fato, os níveis de tolerância à homossexualidade aumentaram consideravelmente em comparação com épocas anteriores (Twenge et al., 2016). Essa busca por identidade se deve, em parte, ao fato de que os adolescentes estão explorando e desenvolvendo seu próprio autoconceito. Portanto, à medida que amadurecem e sua identidade se consolida, as dúvidas se



estabilizam, eles experimentam menos mudanças e menos diversidade sexual é registrada (Nebot García, 2021).

Por fim, não podemos nos esquecer do impacto educacional causado pelo isolamento em casa por vários meses devido à situação da COVID-19. O fechamento das escolas teve consequências socioeducativas, pedagógicas e psicológicas para crianças e jovens, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade ou risco social (CEPAL-UNICEF, 2020; Banco Mundial, 2020; Espinosa, 2020). Embora seja verdade que durante esse período foram aplicadas medidas emergenciais para dar continuidade ao aprendizado escolar, como a implementação de plataformas virtuais para acompanhar as aulas de casa, muitas crianças não prestaram atenção às aulas porque as consideraram entediantes e tiveram dificuldade de concentração (Dorta et al., 2022).

De acordo com os resultados do estudo de Dorta et al. (2022), metade das famílias analisadas atribuiu a falta de concentração ao estresse da situação e à falta de hábito de estudar de forma independente. Nesse sentido, o envolvimento dos pais em tarefas educacionais durante o confinamento, seu nível de estudos e sua formação cultural têm sido um fator determinante para o aprendizado e a estabilidade educacional de crianças e adolescentes (Sanz e López, 2021). Entretanto, esse equilíbrio parental não tem sido totalmente possível devido à necessidade de muitos pais trabalharem, seja pessoalmente ou em casa. Como resultado, as crianças têm sido deixadas sem supervisão ou com uma educação permissiva durante todo esse tempo, o que tem gerado conflitos em casa quando se trata de impor disciplina (Dorta et al., 2022).

Em resumo, a maioria das mudanças ocorridas nas últimas décadas tem impacto sobre os limites e as regras impostas a nossos adolescentes (Echevarría, 2002; Orts, 2001; Torrego, 2004), e isso se reflete no comportamento dos alunos em sala de aula (Unceta, 2008).

O fato é que, à medida que a sociedade atual se desenvolve, nosso modo de vida apresenta grandes comodidades, entre as quais estão o atraso na adoção de responsabilidades e a falta de atenção à formação da consciência e da moral (Garrido, 2005). Além disso, passamos a adotar um modelo permissivo de educação que superprotege nossos jovens e tende a resolver todas as dificuldades que eles enfrentam, não deixando espaço para que eles valorizem o esforço e aprendam a ser responsáveis. Tudo isso está levando a um prolongamento da imaturidade e a jovens sem capacidade de autocontrole, cuja principal



prioridade é satisfazer seus desejos imediatos (Macías et al., 2019; Smith et al., 2020 e Urra, 2006).

Esse valor preferencial pela busca do imediatismo e a intolerância à frustração se somam às causas de conflito em sala de aula expostas anteriormente, pois aumentam consideravelmente as dificuldades no desenvolvimento do processo de ensino- aprendizagem (Álvarez et al., 2016; Ander-Egg, 2005; Bolea e Gallardo, 2012; De la Fuente, 2012; De Souza, 2009; Poyato, 2018).

Após essa revisão bibliográfica e contextualização da situação atual dos adolescentes, constatamos a falta de pesquisas que comparem o comportamento disruptivo e a presença de valores nas salas de aula atuais com as de algumas décadas atrás. Embora diversos estudos apontem as dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino médio, esta pesquisa busca analisar se existem diferenças no comportamento dos adolescentes em relação a décadas anteriores e examinar de que forma o comportamento perturbador nas salas de aula pode influenciar o nível acadêmico dos alunos.

Este estudo visa responder à questão de saber se devemos tomar medidas excepcionais com relação à educação de nossos adolescentes ou se, ao contrário, devemos parar de culpar os "jovens de hoje" pelos problemas da educação. Para isso, estabelecemos os seguintes objetivos: analisar o comportamento dos alunos do 2º ESO e analisar a perspectiva do professor sobre o comportamento em sala de aula.

MÉTODO

A população-alvo desse estudo são professores do ensino médio de escolas públicas e privadas de diferentes províncias da Espanha: Alicante, Almeria, Las Palmas e Madri. No total, 18 professores participaram do estudo, dos quais 11 eram mulheres e 7 eram homens. O tempo médio de serviço como professores é de 14,78 anos, embora um terço dos entrevistados lecionem há mais de 20 anos. Eles foram selecionados por serem professores do segundo ano do ESO com uma longa carreira profissional.

Para realizar essa pesquisa, usamos uma pesquisa realizada e enviada aos participantes usando a ferramenta digital *Google Forms*. Antes de enviar nosso formulário, três especialistas da área validaram as perguntas. As perguntas têm formatos diferentes (fechadas, abertas, com respostas obrigatórias ou opcionais). Antes da realização deste estudo, o consentimento informado foi obtido por meio de um documento escrito no qual todos os participantes da amostra foram informados de seus direitos e obrigações como participantes, de acordo com a lei de proteção de dados. Além disso, todos os sujeitos foram informados sobre os objetivos do estudo e sua metodologia. O formulário de resposta foi enviado



por e-mail. Após o recebimento das respostas, foi gerada uma planilha do Excel para análise. As respostas obtidas no questionário foram extraídas diretamente do Excel gerado pelo Google Forms.

RESULTADOS

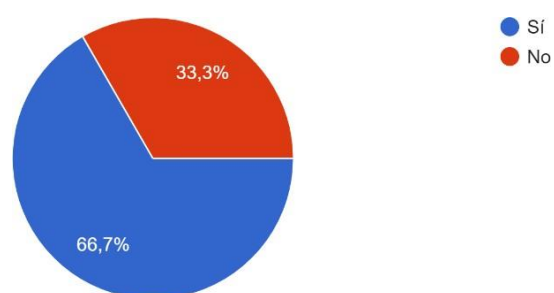
A seguir, apresentamos os resultados obtidos em nossa pesquisa de acordo com os objetivos deste estudo. Primeiro, forneceremos informações sobre a percepção geral do comportamento de nossos entrevistados. Em seguida, examinaremos a atitude dos alunos em sala de aula e, por fim, analisaremos o campo de soluções.

Percepção Geral

Nesta primeira seção, é apresentada a percepção geral dos professores pesquisados sobre o comportamento dos alunos.

A partir dos dados extraídos de nossas pesquisas, 66,7% dos professores consideram que os alunos do 2ºESO se comportam pior hoje do que quando começaram a lecionar, enquanto 33,3% consideram que se comportam igual ou melhor, conforme mostrado na Figura 1. Em um contexto recente marcado pelo confinamento após a situação da Covid-19, 61,1% dos professores afirmam que perceberam que o comportamento em sala de aula piorou após a situação, enquanto 38,9% acreditam que está igual. Da mesma forma, com relação aos alunos com comportamento perturbador em sala de aula, 77,8% dos professores acreditam que eles são vistos como irritantes por seus colegas, enquanto 22,2% acreditam que eles são tratados como líderes.

Figura 1. Desempenho negativo maior do que nos anos anteriores

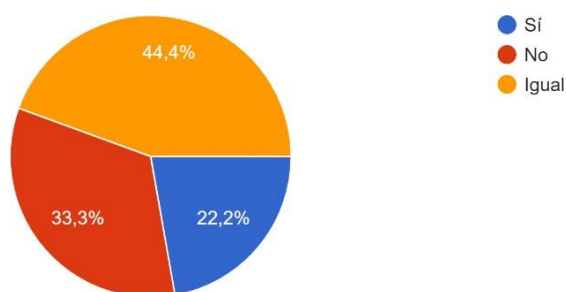


Quanto à comparação entre escolas secundárias públicas e privadas, 70,6% dos entrevistados afirmam ter notado diferenças no comportamento dos alunos entre um tipo de escola e outro, enquanto 29,4% consideram que eles se comportam da mesma forma. No que diz respeito ao tipo de comportamento, 72,2% dos professores consideram que o comportamento é mais perturbador nas escolas públicas,

enquanto 27,8% têm a percepção oposta, ou seja, que o comportamento nas escolas públicas é mais adequado.

Quanto à influência do comportamento dos alunos no nível acadêmico, 88,9% dos professores entrevistados concordam que o comportamento dos alunos tem influência direta no nível acadêmico, enquanto 11,1% acreditam que não há relação. No que diz respeito ao nível acadêmico dos atuais alunos do ESO2, como podemos ver na Figura 2, 44,4% dos professores consideram que o nível é equivalente ao nível dos alunos que eles tinham quando começaram. Entretanto, 33,3% dos professores detectaram um nível acadêmico mais baixo agora do que antes, enquanto 22,2% acham que o nível atual é mais alto.

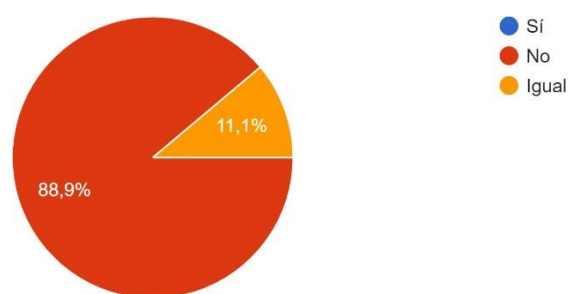
Figura 2. O nível acadêmico dos alunos está melhor, igual ou pior do que antes



Atitude

Nesta seção, vamos analisar todos os resultados referentes às atitudes dos alunos do 2º ESO em relação às sessões e aos professores. Em primeiro lugar, como podemos ver na figura 3, destacamos que 88,9% dos sujeitos pesquisados consideram que a figura do professor tem menos autoridade atualmente, enquanto 11,1% consideram que a autoridade é a mesma de quando começaram a lecionar. Entretanto, nenhum dos professores afirmou ter mais autoridade hoje do que quando começou a lecionar. Se observarmos a atitude dos alunos em sala de aula, 77,8% dos pesquisados consideram que em sua classe há um clima de trabalho, respeito e bom humor, enquanto 22,2% acreditam que o oposto é verdadeiro. No entanto, 44,4% dos professores consideram que seus alunos atuais abordam a tarefa com menos curiosidade e mais medo de fracassar do que quando eles começaram como professores. Por outro lado, 22,2% pensam o contrário, enquanto os 33,3% restantes acham que a maneira como enfrentam a tarefa hoje em dia é a mesma de quando começaram a lecionar. Com relação ao tédio na sala de aula, 55,6% de nossa amostra acham que seus alunos do ESO2 estão mais entediados agora do que antes, 27,8% acham o mesmo e 16,7% acham que o nível de tédio hoje é menor.

Figura 3. Atualmente, os professores têm mais, menos ou a mesma autoridade



Por outro lado, 11,1% dos professores acham que seus alunos têm mais empatia agora do que quando começaram a lecionar, enquanto 50% pensam o contrário e 38,9% acham que fazem isso da mesma forma. Também queríamos saber se os alunos atuais pedem desculpas e agradecem mais agora do que no passado, e os resultados foram os seguintes: 44,4% dos entrevistados disseram que recebiam mais desculpas quando começaram a trabalhar, enquanto 50% achavam que faziam o mesmo. Apenas 5,6% disseram que receberam mais desculpas do que antes. Quanto à gratidão dos adolescentes no ESO2, 83,3% dos professores pesquisados confirmam que seus alunos agradecem menos do que quando começaram a trabalhar, enquanto 16,7% pensam o contrário, ou seja, que os jovens de hoje são mais gratos. Para concluir esse bloco, também perguntamos se os alunos de hoje pedem permissão mais do que no passado, e 61,1% dos entrevistados deram uma resposta negativa. Em contrapartida, 5,6% dos entrevistados disseram o contrário, ou seja, que acham que seus alunos pedem permissão com mais frequência. Por outro lado, os 33,3% restantes consideram que os alunos pedem a mesma quantidade de licenças agora do que quando começaram a trabalhar.

SOLUÇÕES

Nesta seção, analisaremos os resultados referentes às medidas adotadas para resolver conflitos ou melhorar o comportamento disruptivo dos alunos no ESO2. Em primeiro lugar, 72,2% dos professores afirmam ter experimentado mudanças na escola ou nos regulamentos da escola com relação ao comportamento dos alunos, embora, de todas essas mudanças, 47,1% dos professores neguem ter notado qualquer melhoria. Pelo contrário, os outros 52,9% confirmam que notaram melhorias. Também vale a pena mencionar que 94,4% dos entrevistados acreditam que as atitudes dos pais podem influenciar o comportamento dos alunos, enquanto 5,6% acreditam o contrário.

Se analisarmos os tipos mais comuns de comportamento disruptivo em sala de aula atualmente, os dados

mostrados na Figura 4 indicam que falar em sala de aula (55,6%), desrespeitar (44,4%) e passar a perna (33,3%) estão no topo da lista. No entanto, vemos que o desrespeito quando os entrevistados começaram a lecionar diminuiu significativamente (5,6%), enquanto falar em sala de aula (77,8%) encabeça a lista e passar a perna (16,7%) caiu quase pela metade (Figura 5).

Figura 4. Comportamentos disruptivos comuns hoje em dia

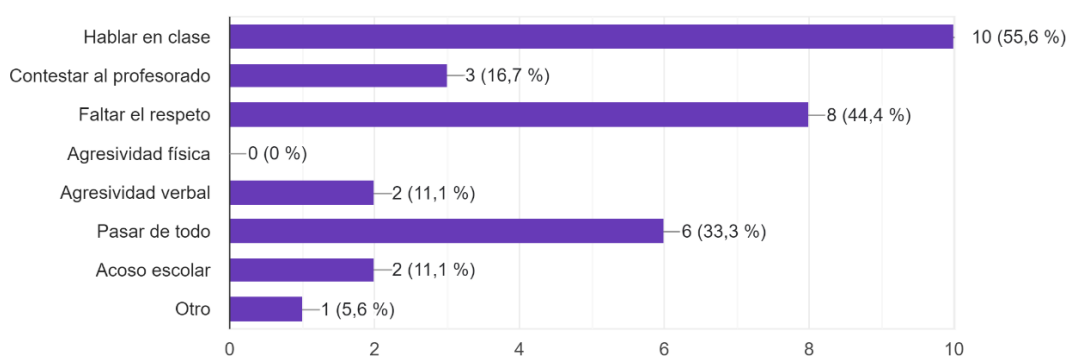
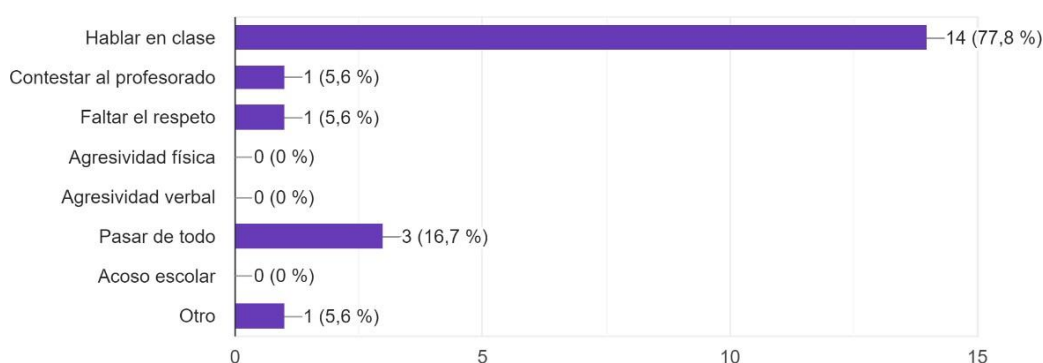


Figura 5. Comportamento disruptivo comum anteriormente



Também queríamos descobrir quais são as soluções mais comumente aplicadas para resolver conflitos em sala de aula. Como resultado, como podemos ver nas figuras 6 e 7, a reflexão do aluno é a medida mais usada agora e antes. Entretanto, hoje ela aumentou (50%) em comparação com os primeiros anos de trabalho de nossos entrevistados (44,4%). O uso de reprimendas diminuiu atualmente (22,2%), enquanto a advertência para ligar para os pais caiu pela metade (11,1%). Outra medida que era aplicada quando nossos professores começaram a trabalhar era a advertência de expulsão da sala de aula (5,6%), enquanto nenhum dos entrevistados de hoje selecionou essa opção. No entanto, nenhum dos entrevistados selecionou a opção "nenhuma solução porque não há esperança" quando começaram a trabalhar, enquanto 5,6% atualmente optam por não fazer nada.

Figura 6. Soluções aplicadas atualmente para resolver conflitos em sala de aula

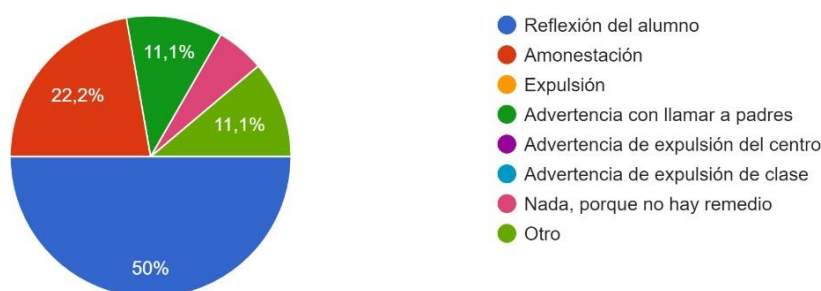
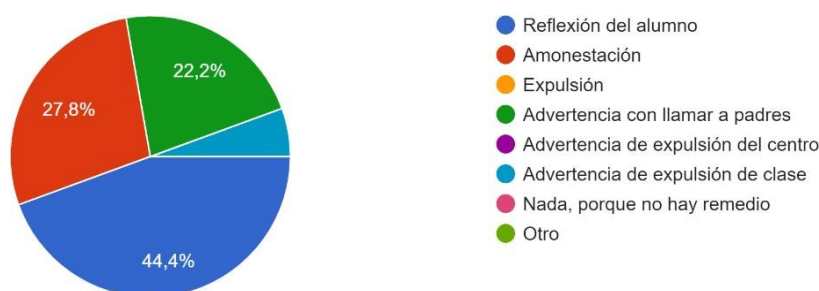


Figura 7. Soluções aplicadas anteriormente para resolver conflitos em sala de aula



Para concluir nosso questionário, perguntamos o que nossos professores acreditam ter influenciado o comportamento bom ou ruim dos alunos de hoje. Como resultado, compilamos uma coleção de suas respostas, destacando as seguintes palavras-chave: mudanças na sociedade, perda de valores, permissividade excessiva e proteção em casa, pandemia, redes sociais e reformas educacionais.

CONCLUSÕES

O objetivo desta pesquisa foi comparar o comportamento atual dos alunos do 2º ESO com o de algum tempo atrás. Além disso, também queríamos descobrir a perspectiva dos professores sobre o comportamento perturbador em sala de aula. Nosso objetivo era descobrir se medidas excepcionais deveriam ser tomadas na educação de adolescentes ou se, ao contrário, deveríamos parar de atribuir a eles os problemas de educação na escola.

No que diz respeito ao campo acadêmico, podemos dizer que a percepção do nível acadêmico dos atuais alunos do 2º ESO é, em média, semelhante à de 15 anos atrás, embora sua atitude em relação à figura do professor e à disciplina tenha piorado.

De acordo com os resultados de nossa pesquisa, a figura do professor perdeu quase completamente a autoridade, embora a maioria dos professores considere que em suas aulas prevalece um ambiente de

trabalho de respeito e bom humor. Isso contrasta com a percepção da maioria dos entrevistados de que os alunos de hoje estão entediados em sala de aula, e quase metade deles acredita que seus alunos enfrentam a tarefa com menos curiosidade e mais medo do fracasso do que quando começaram a lecionar.

Quanto à atitude dos adolescentes, concluímos que a empatia dos alunos do 2º ESO praticamente não mudou ao longo dos anos. Além disso, os jovens de hoje pedem desculpas praticamente com a mesma frequência que faziam em média há 15 anos, um gesto que contrasta com o fato de que a maioria dos professores relata que seus alunos agradecem menos e pedem permissão menos do que faziam no início de suas carreiras profissionais.

As mudanças nas normas que controlam o comportamento dos alunos ocorridas nas escolas ao longo dos anos só foram positivas para um pouco mais da metade da nossa amostra, o que nos leva a concluir que o comportamento perturbador em sala de aula não pode ser resolvido apenas com as regras da escola. Entre os comportamentos perturbadores, a conversa em sala de aula e, em menor escala, as atitudes passivas sempre prevaleceram, mas, atualmente, o desrespeito, o responder ao professor, a agressão verbal e o bullying apareceram, nessa ordem. Diante dessas atitudes negativas, a grande maioria dos entrevistados considera que são vistos como chatos pelo restante dos colegas, enquanto uma minoria acredita que esses alunos são tratados como líderes.

Os resultados de nosso estudo também indicam que as medidas aplicadas com mais frequência para resolver conflitos em sala de aula são, tanto antes quanto agora, a reflexão do aluno e a repreensão. Embora, no passado, os pais também fossem chamados ou expulsos da sala de aula, essas medidas diminuíram e outras medidas foram implementadas ou, diretamente, nada foi feito porque a situação não pode ser remediada.

Por fim, nossa amostra atribui essa piora no comportamento dos alunos às mudanças na sociedade; à perda de valores ano após ano; à educação doméstica excessivamente permissiva e superprotetora; à pandemia de Covid-19; à digitalização e aos novos modelos de relacionamento com as redes sociais; bem como às inúmeras reformas educacionais dos últimos anos.

Para Nieto-González e de los Ángeles (2022), os professores enfrentam situações em que os alunos violam as regras da sala de aula e desafiam as instruções do professor com ações que podem até ser agressivas, o que afeta negativamente o bem-estar físico e mental do professor e, portanto, diminui o



desempenho acadêmico.

Pesquisas anteriores de outros países também concluíram que o comportamento inadequado afeta negativamente a convivência e o desempenho acadêmico, embora seja destacado que as causas são determinadas por fatores externos ao aluno, como experiências com seu ambiente próximo, que são replicadas na sala de aula, ou a falha dos professores em aplicar estratégias para prevenir e controlar situações perturbadoras (Paredes, 2022).

Embora este estudo forneça informações relevantes sobre mudanças no comportamento dos alunos do 2ºESO, não devemos ignorar as limitações que encontramos ao realizá-lo, como a pequena amostra de participantes que tivemos.

Em suma, deixamos em aberto linhas de pesquisa futura para descobrir quais medidas devemos tomar na educação de crianças e adolescentes para resolver o problema do comportamento disruptivo nas salas de aula do ensino médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, M., Castro, P., González-González de Mesa, C., Álvarez, E. y Campo, M. A. (2016). Conductas disruptivas desde la óptica del docente: validación de una escala. *Anales de Psicología*, 32(3), 855-862. <https://doi.org/10.6018/analesps.32.3.223251>
- Álvarez-García, D., Margarita, J., Rodríguez, F.J. y Núñez, J. C. (2015). Adaptación y validación del cuestionario CUVE-EP para la evaluación de la violencia escolar en centros de enseñanza básica de la República Dominicana. *Anales de Psicología*, 31(3), 859-868. <https://doi.org/10.6018/analesps.31.3.186482>
- Ander-Egg, E. (2005). *Debates y propuestas sobre la problemática educativa*. Homo Sapiens.
- Banco Mundial (2020). *COVID-19: impacto en la educación y respuestas de política pública*. <https://pubdocs.worldbank.org/en/143771590756983343/Covid-19-Education-Summary-esp.pdf>
- Bengtson, V. L. (2001). Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational relationships in American society. *Journal of Marriage and the Family*. 63, 1-16
- Bolea, E. y Gallardo, A. (2012). *Alumnado con dificultades de regulación del comportamiento (Vol. 2)*. Graó.



- Castellana Rosell, M., Sánchez-Carbonell, X., Graner Jordana, C., & Beranuy Fargues, M. (2007). El adolescente ante las tecnologías de la información y la comunicación: internet, móvil y videojuegos. *Papeles del Psicólogo*, 28(3), 196-204.
- Castells, Manuel. (2006) *O Poder da Identidade*. Paz e Terra.
- Cepal-Unicef (2020). *Protección social para familias con niños, niñas y adolescentes en América Latina y el Caribe. Un imperativo frente a los impactos del COVID-19*. <https://www.cepal.org/es/publicaciones/46489-proteccion-socialfamilias-ninos-ninas-adolescentes-america-latina-caribe-un-imperativo-frente-a-los-impactos-de-la-Covid-19>
- De la Fuente, D. (2012). Los cambios sociales y su reflejo en la educación. Propuestas educativas desde la asignatura de música. *Dedica. Revista de Educação e Humanidades*, (2), 249-260. <https://doi.org/10.30827/dreh.v0i2.7132>
- De Souza, L. (2009). *Competencias emocionales y resolución de conflictos en el aula [Tesis doctoral, Universidad de Barcelona]*. <https://bit.ly/3RfZRq6>
- Dorta, C. L. Á., Pérez, D. D. C. L. G., Puellas, P. T., & Cuba, E. J. V. L. H. (2022) *Caracterización del impacto educativo de la pandemia de COVID-19 en las condiciones socio-psicopedagógicas de la comunidad educativa general*.
- Echeverría, J. (2002). *Ciencia y valores*. Destino.
- Ehrle, G. M. y Day, H. D. (1994). Adjustment and family functioning of grandmothers rearing their grandchildren. *Contemporary Family Therapy*, 16 (1), p. 67-82.
- Espinosa, M. Á. (2020). Covid-19, Educación y Derechos de la Infancia en España. *Revista Internacional de Educación para la Justicia Social*, 9(3e), 245-258. <https://doi.org/10.15366/riejs2020.9.3.013>
- Feres-Carneiro, T. (2005). *Familia e Casal- Efeitos da Contemporaneidade Brazil*: Editora Puc-Rio.
- Garrido, V. (2005). *Los hijos tiranos. El síndrome del emperador*. Ariel.
- Gómez, M. C. y Cuña, A. R. (2017). Estrategias de intervención en conductas disruptivas. *Educação Por Escrito*, 8(2), 278-293. <http://doi.org/10.15448/2179-8435.2017.2.27976>



- Gordillo, E., Rivera, R. y Gamero, J. (2014). Conductas disruptivas en estudiantes de escuelas diferenciadas, coeducativas e intereducativas. *Educación y Educadores*, 17(3), 427-443. <https://doi.org/10.5294/edu.2014.17.3.2>
- Klein, A. (2010). Nuevas formas de relacionamiento abuelos-nietos adolescentes desde los cambios demográficos-sociales actuales. *Psicología Revista*, 18(1), 1-25.
- Macías, A., García-García, J., Rossignoli, I., Valero-Valenzuela, A. y Belando, N. (2019). Técnicas de autoconocimiento y autocontrol aplicadas en Educación Física para un mayor bienestar físico y mental en edades tempranas. *Actividad física y deporte: ciencia y profesión*, (32), 54-68.
- Ministerio de Educación y Formación Profesional. (2018). *Estudio internacional de la enseñanza y del aprendizaje*. Ministerio de Educación y Formación Profesional. Publicaciones Ministerio de Educación y Formación Profesional.
- Nebot García, J. E., Elipe Miravet, M., Martínez Gómez, N., & Ballester Arnal, R. (2021). *Proyecto SAFO: La diversidad sexual a lo largo del ciclo vital en España*.
- Neugarten, B., y Weinstein, K. (1961). The chancing american grandparents. *Journal of marriage and Family*, 1961, p. 199-204.
- Nieto-González, J., & de los Ángeles López-Ortega, M. (2022). Comportamiento del alumno ante las exigencias del docente: adaptación, quebrantar la norma y agresión. *Forhum International Journal of Social Sciences and Humanities*, 4(6), e22464-e22464.
- Orts, J. V. (2011). *Cómo dar clase a los que no quieren*. Grao.
- Paredes Aguilar, A. (2022). *Concepciones de los estudiantes, docentes y padres de familia sobre las conductas disruptivas en el aula: caso grado 9° C de la Institución Educativa Agroambiental Luis Lozano Scipión, Condoto-Chocó*.
- Peralta, F. J., Sánchez, M. D., Trianes, M. V. y De la Fuente J. (2003). Estudio de la validez interna y externa de un cuestionario sobre conductas problemáticas para la convivencia según el profesor. *Psicología, Saúde & DoenÇas*, 4(1), 83-96.
- Poyato, J. (2018). *Otra educación. Sugerencias para padres y educadores*. Angels Fortune.



- Saco-Lorenzo, I., González-López, I., Martín-Fernández, M. A., & Bejarano-Prats, P. (2022). Conductas disruptivas en el aula. Análisis desde la perspectiva de futuros docentes de Educación Primaria. *Education in the Knowledge Society (EKS)*, 23, e28268. <https://doi.org/10.14201/eks.28268>
- Saldaña, D. (2001). Nuevas tecnologías: nuevos instrumentos y nuevos espacios para la psicología. *Apuntes de Psicología*, 19(1), 5-10.
- Sanz Ponce, R. y López Luján, E. (2021). Consecuencias pedagógicas entre el alumnado de enseñanza básica derivadas de la Covid-19. Una reflexión en torno a los grandes olvidados de la pandemia. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, 33(2), 149-166. <https://doi.org/10.14201/teri.25471>
- Smith, E., Muñoz, A., Matos, M. y Alcalá, J. (2020). Autocontrol, el antídoto contra la violencia en el deporte. *Revista de psicología del ejercicio y del deporte*, 15(3), 135-139.
- Torrego, J. C. (2004). Modelo integrado de regulación de la convivencia y tratamiento de conflictos: un proyecto que se desarrolla en centros de la comunidad de Madrid. *Tabanque*, 18, 31-48.
- Twenge, J. M., Sherman, R. A. y Wells, B. E. (2016). Changes in American adults' reported same-sex sexual experiences and attitudes, 1973–2014. *Archives of Sexual Behavior*, 45(7), 1713-1730. <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0769-4>
- Uhlenberg, P. (2005). Historical forces shaping grandparent-grandchild relationships: Demography and beyond. In Silverstein, M. (ed.), *Intergenerational relations across time and place. Annual review of gerontology and geriatrics. Springer*, 77-97.
- Unceta, A. (2008). Cambios sociales y educación notas para el debate. *Revista de Educación*, 347. 419-43
- Urra, J. (2006). *El pequeño dictador. Cuando los padres son víctimas. Del niño consentido al adolescente agresivo*. La esfera de los libros.
- Uruñuela, P. (2019). *La gestión del aula*. Narcea.
- Wainerman, C. H. (org) (1996). *Vivir en Familia*. UNICEF.

